

TRANSMISSÃO GERACIONAL E LEALDADES FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE: UM OLHAR SISTÊMICO

GENERATIONAL TRANSMISSION AND FAMILY LOYALTIES IN THE CONSTRUCTION OF PARENTHOOD: A SYSTEMIC PERSPECTIVE

TRANSMISIÓN GENERACIONAL Y LEALTADES FAMILIARES EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA PARENTALIDAD: UNA PERSPECTIVA SISTÉMICA

Eduarda Santos da Silva¹

Thainá dos Santos²

Júlia Chiminecki Kissula³

RESUMO: Esse artigo buscou, sob a perspectiva da Terapia Familiar Sistêmica, a influência das lealdades familiares visíveis e invisíveis e da transmissão geracional na construção da parentalidade e nas decisões relacionadas à criação dos filhos. Busca-se compreender como vínculos, expectativas e compromissos herdados moldam padrões relacionais, orientam a ocupação de papéis parentais e sustentam a reprodução ou a transformação das práticas educativas ao longo das gerações. Metodologicamente, trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, incluindo livros, artigos científicos, dissertações e teses que abordam lealdades familiares, transmissão geracional e parentalidade sob a ótica sistêmica. Os resultados indicam que a construção da parentalidade é profundamente influenciada por padrões familiares transmitidos entre gerações, que podem ser adaptativos ou disfuncionais. As lealdades invisíveis, por exemplo, configuram compromissos emocionais que orientam comportamentos parentais mesmo sem consciência explícita. Observa-se ainda que baixos níveis de diferenciação emocional intensificam conflitos entre autonomia e pertencimento, favorecendo a repetição automática de padrões herdados. Conclui-se que compreender esses processos é essencial para identificar dinâmicas familiares, prevenir ciclos disfuncionais e promover práticas parentais mais saudáveis.

8500

Palavras-chave: Terapia Familiar Sistêmica. Lealdades Familiares. Transmissão Geracional.

ABSTRACT: This article examined, from the perspective of Systemic Family Therapy, the influence of visible and invisible family loyalties and generational transmission on the construction of parenthood and on decisions related to child-rearing. It seeks to understand how inherited bonds, expectations and commitments shape relational patterns, guide the occupation of parental roles and sustain the reproduction or transformation of educational practices across generations. Methodologically, this is a narrative literature review conducted in the SciELO, PePSIC and Google Scholar databases, including books, scientific articles, dissertations and theses addressing family loyalties, generational transmission and parenthood from a systemic perspective. The results indicate that the construction of parenthood is deeply influenced by family patterns transmitted across generations, which may be adaptive or dysfunctional. Invisible loyalties, for example, establish emotional commitments that guide parental behaviors even without explicit awareness. It is also observed that low levels of emotional differentiation intensify conflicts between autonomy and belonging, favor the automatic repetition of inherited patterns and increase anxiety within family subsystems. It is concluded that understanding these processes is essential for identifying family dynamics, preventing dysfunctional cycles and promoting healthier parental practices.

Keywords: Systemic Family Therapy. Family Loyalties. Generational Transmission.

¹Graduanda em Psicologia pela Univel (2022 a 2026).

²Graduanda em Psicologia pela Univel (2022 a 2026).

³Orientadora. Especialista em Relações Familiares e Intervenções Psicossociais. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Univel.

RESUMEN: Este artículo examinó, desde la perspectiva de la Terapia Familiar Sistémica, la influencia de las lealtades familiares visibles e invisibles y de la transmisión generacional en la construcción de la parentalidad y en las decisiones relacionadas con la crianza de los hijos. Se busca comprender cómo los vínculos, expectativas y compromisos heredados moldean los patrones relacionales, orientan la ocupación de los roles parentales y sostienen la reproducción o la transformación de las prácticas educativas a lo largo de las generaciones. Metodológicamente, se trata de una revisión narrativa de la literatura, realizada en las bases SciELO, PePSIC y Google Académico, que incluye libros, artículos científicos, disertaciones y tesis que abordan las lealtades familiares, la transmisión generacional y la parentalidad desde una perspectiva sistémica. Los resultados indican que la construcción de la parentalidad está profundamente influenciada por los patrones familiares transmitidos entre generaciones, los cuales pueden ser adaptativos o disfuncionales. Las lealtades invisibles, por ejemplo, configuran compromisos emocionales que orientan los comportamientos parentales incluso sin conciencia explícita. También se observa que los bajos niveles de diferenciación emocional intensifican los conflictos entre autonomía y pertenencia y favorecen la repetición automática de patrones heredados. Se concluye que comprender estos procesos es esencial para identificar dinámicas familiares, prevenir ciclos disfuncionales y promover prácticas parentales más saludables.

Palabras clave: Terapia Familiar Sistémica. Lealtades Familiares. Transmisión Generacional.

I INTRODUÇÃO

A família, sob a perspectiva da Terapia Familiar Sistêmica, é compreendida como um sistema vivo, composto por elementos interligados que operam de maneira integrada e interdependente. Nesse modelo, não há espaço para relações unidirecionais, pois qualquer alteração em um dos membros impacta diretamente os demais e, por consequência, o funcionamento do sistema como um todo (Otto; Ribeiro, 2020).

8501

Como primeiro contexto de socialização, a família desempenha papel central na construção da identidade e no desenvolvimento emocional dos indivíduos. É nesse ambiente que se consolidam vínculos de pertencimento e se estabelecem modos de funcionamento que tendem a se repetir e se transformar ao longo do tempo (Minuchin, 1974). Assim, a parentalidade transcende o ato biológico e configura-se como um processo relacional e contínuo, moldado pelas experiências vividas na família de origem e pelas interações que se atualizam nas gerações seguintes (McGoldrick et al., 2012).

Dentro dessa construção, os padrões intergeracionais ganham relevância ao envolver a transmissão de crenças, valores e vínculos afetivos entre os membros da família. Tais padrões podem se manifestar de forma adaptativa ou disfuncional, impactando diretamente o modo como os papéis parentais são exercidos (McGoldrick et al., 2012). Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2008), esse movimento é mediado, sobretudo, pelas lealdades familiares, compreendidas como vínculos emocionais que orientam comportamentos e decisões dentro do sistema familiar.

Compreender essas dinâmicas é essencial para analisar como os cuidadores estruturam suas práticas parentais e como decisões relativas à criação dos filhos podem refletir tanto a continuidade quanto a tentativa de ruptura de padrões familiares herdados. Além disso, o estudo das lealdades contribui para identificar fatores que podem favorecer vínculos saudáveis ou, ao contrário, restringir a autonomia parental e perpetuar funcionamentos disfuncionais.

Dessa forma, este trabalho propõe investigar a influência das lealdades familiares e da transmissão geracional na construção da parentalidade, buscando compreender como compromissos e expectativas intergeracionais moldam as escolhas, comportamentos e práticas no exercício da função parental. A partir dessa perspectiva, formula-se a seguinte questão norteadora: de que forma as lealdades familiares influenciam a construção da parentalidade e as decisões acerca da criação dos filhos? Para responder a essa questão, o estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa, fundamentada nos pressupostos teóricos da abordagem sistêmica, o que possibilita integrar diferentes produções científicas e ampliar a compreensão do fenômeno em sua complexidade relacional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Abordagem Sistêmica e os Padrões Relacionais na Família

8502

O pensamento sistêmico é uma abordagem que representa uma mudança significativa na forma de compreender a construção do conhecimento, especialmente no campo das ciências humanas. Diferentemente da perspectiva tradicional, baseada em causalidade linear, em que todo efeito tem uma causa única; a epistemologia sistêmica parte da noção de que os acontecimentos são complexos e devem ser entendidos no contexto em que ocorrem. A partir disso, desenvolveu-se a Terapia Familiar Sistêmica, a qual considera que o ser humano só pode ser compreendido plenamente em meio às relações que estabelece com seu grupo familiar e social (Otto; Ribeiro, 2020).

Sob essa perspectiva, a família é entendida como um sistema vivo e coeso, no qual cada integrante exerce influência sobre os demais. Nesse arranjo, não existem relações unidirecionais, mas interações circulares e recíprocas: uma mudança em um dos membros desencadeia transformações em todo o sistema (Otto; Ribeiro, 2020). De acordo com Andolfi (2018), a família se caracteriza como coesa, um sistema aberto e dinâmico, em constante intercâmbio com o meio social, cultural e histórico no qual está inserida. Tal característica

implica a necessidade de adaptação às transições do ciclo vital e às mudanças do contexto externo, de modo a garantir o desenvolvimento psicossocial de seus membros.

Nessa direção, a Teoria Geral dos Sistemas, proposta por Ludwig Von Bertalanffy (1950), amplia essa compreensão ao defender que o todo não pode ser explicado pela simples soma de suas partes, mas deve ser analisado a partir das inter-relações que o compõem. Entre os princípios fundamentais dessa teoria, destacam-se a globalidade, a homeostase e a morfogênese, que explicam a tendência dos sistemas a buscar equilíbrio e, ao mesmo tempo, a se reorganizar frente a novas demandas (Gomes et al., 2014). Gregory Bateson contribuiu para essa perspectiva ao introduzir os conceitos de retroalimentação e comunicação relacional, enfatizando que os comportamentos não ocorrem de forma isolada, mas dentro de ciclos de interação contínua que mantêm ou transformam o sistema (Bateson, 2000).

Tais contribuições abriram caminho para a compreensão de que a família se organiza a partir de sequências de interação que, ao se repetirem, formam os padrões relacionais. Com base nesse entendimento, compreende-se que a dinâmica familiar não se constitui apenas de comportamentos isolados, mas de sequências repetitivas de interação que podem assumir caráter funcional ou disfuncional. Quando funcional, favorecem a adaptação, a coesão e o desenvolvimento dos membros; quando disfuncional, cristalizam conflitos e sintomas, restringindo a capacidade de mudança e de enfrentamento das demandas externas (Féres-Carneiro, 2019).

8503

Minuchin (1982) contribuiu de forma decisiva ao enfatizar a dimensão estrutural da família, mostrando que o funcionamento do sistema se organiza a partir de fronteiras, subsistemas e alianças. As fronteiras delimitam a proximidade e a distância entre os membros, permitindo que cada subsistema (conjugal, parental ou fraterno) exerça suas funções de maneira equilibrada. Quando essas fronteiras são rígidas, a interação torna-se restrita e os vínculos enfraquecem; quando difusas, há fusão e confusão de papéis, dificultando o desenvolvimento individual e coletivo. Dessa forma, os padrões estruturais regulam a convivência cotidiana, e também, orientam a forma como a família responde a conflitos, mudanças do ciclo vital e demandas externas, revelando sua força organizadora no sistema familiar.

Na perspectiva de Bowen (1989), o foco recai sobre os processos emocionais que conectam os membros e atravessam gerações. Para o autor, os modos de interação tendem a se repetir ao longo do tempo, transmitindo maneiras de lidar com conflitos, regular a proximidade emocional e assumir papéis. Essa repetição evidencia que dificuldades e sintomas individuais

muitas vezes refletem processos emocionais herdados, consolidando padrões intergeracionais que moldam a experiência familiar (Bowen, 1989; Otto; Ribeiro, 2020).

Portanto, os membros da família não apenas convivem, mas se constroem mutuamente por meio de interações repetitivas que se consolidam ao longo do tempo (Melo et al., 2016). Nessa perspectiva, o foco deixa de ser o indivíduo isolado e passa a ser o conjunto das interações que sustentam os comportamentos, reconhecendo que as dificuldades manifestadas refletem o funcionamento global do sistema familiar (Otto; Ribeiro, 2020). É nesse contexto que emergem as lealdades familiares e o processo de transmissão geracional, muitas vezes invisíveis, mas determinantes para a forma como os indivíduos assumem papéis, mantêm vínculos e constroem sua identidade no interior do sistema familiar.

2.2 Lealdades Familiares e Transmissão Geracional

O termo “leal” traz consigo a significação de lei, aquilo no qual deve-se seguir uma norma. Considera-se leal aquele com quem pode-se confiar, envolvendo a honra, a fidelidade e o dever com o outro, conforme definição do dicionário Michaelis (2006).

Na perspectiva sistêmica o conceito de lealdade carrega semelhança a definição do dicionário, segundo a obra de Boszormenyi-Nagy a lealdade nas famílias trata-se do compromisso emocional de atender as expectativas dos membros deste mesmo grupo familiar. Desse modo, espera-se que as regras sejam seguidas criando uma relação de confiança que, a partir da manutenção do grupo e na constituição de novas famílias, seja perpetuada a continuidade destes costumes (Boszormenyi-Nagy e Spark, 1984).

A lealdade mantém o funcionamento e o equilíbrio familiar. Para Boszormenyi-Nagy e Spark (1984), a lealdade está ligada a um livro invisível de contas de débito e crédito, nele registra-se de forma simbólica, os cuidados, amor e proteção recebidos ao longo da vida, essa conta em aberto por sua vez, gera a “dívida” que o membro sente a obrigação de pagar. Essa quitação é feita através da correspondência das expectativas, podendo ser entendida como um sistema recíproco de dar, receber e retribuir, que segue de forma sucessiva entre as gerações.

As leis familiares são herdadas de geração em geração, mas muitas vezes não são vistas ou ditas de forma clara, esse processo inconsciente é chamado de “lealdades invisíveis”. Ducommen-Nagy (2006), conforme citado por Bacal (2013), compara a lealdade invisível como um “campo magnético”, é impossível vê-lo, mas pode-se visualizar seus efeitos, ou seja, a lealdade não é vista, mas seu efeito sobre o comportamento dos indivíduos é observável.

Bacal (2013) aponta que para compreender as transmissões de comportamentos familiares é essencial entender as narrativas mitológicas. De forma geral, as narrativas mitológicas foram utilizadas para explicar a origem do mundo e da humanidade, já tais narrativas familiares por sua vez, apontam a origem do modelo de ser da família. Para Cervený (2001), como citado por Filomeno (2003), o mito familiar pode ser comparado a um livro, no qual a família constrói sua própria história, não sendo considerado uma mentira, mas uma forma de lidar com a realidade baseado em “crenças, valores e tradições”, ele funciona como um manual familiar, orientando comportamentos e definindo as posições de cada um. Assim, o mito é uma forma de dar sentido às coisas, explicar e interpretar a realidade, mesmo vindo de origens antigas, ao ser contado e recontado é transformado, ganhando novos significados ao decorrer do tempo (Barthes, 1993).

Segundo Bowen (1965), as transmissões familiares ocorrem bem antes da concepção, pois o nascimento dos filhos é carregado por uma narrativa já construída pela família. Groisman (1996) destaca que os indivíduos são afetados pelos contos familiares desde seu nascimento, no qual serão delegados a determinado papel, o passado das gerações implica em como a criança será vista, ela passa a cumprir uma missão imposta pelo sistema familiar.

Nesse sentido, Bacal (2013) discorre que a lealdade pode ocorrer de forma automática, ou seja, os indivíduos não notam que os comportamentos estão seguindo uma regra familiar. Ainda, cada membro carrega uma posição, um papel não verbalizado, e a lealdade aparece ao cumprir esses papéis, ao interiorizar e atender as expectativas da família. Fugir das expectativas tende a acarretar sentimentos de culpa, crítica ou rejeição do restante do grupo.

Conforme Krom (2000), o fato de os filhos carregarem os nomes dos pais, avós ou com sentidos religiosos, é a expressão de uma forma de lealdade à família e crenças. Bacal (2013) ressalta, as lealdades invisíveis são difíceis de identificar, os membros não percebem a origem daquele comportamento, mas em determinados momentos, as lealdades podem ser visíveis, ou seja, existe a consciência que suas escolhas e comportamentos são embasados na lealdade familiar.

Segundo Bucher-Maluschke (2008), a formação de uma nova família traz consigo aprendizados, crenças, valores e padrões aprendidos por cada membro do casal, ou seja, aquilo que lhe foi transmitido e que será repassado aos filhos e sucessivamente as novas gerações. Portanto, considerando os padrões herdados por cada membro do casal pelas suas famílias de

origem, é essencial compreender como se dá a construção da parentalidade e os desafios que permeiam esse novo papel.

2.3 Processo de Construção da Parentalidade

A parentalidade pode ser entendida como o resultado do parentesco biológico e do processo de “tornar-se pai e mãe”, envolvendo dimensões que ultrapassam o simples ato de gerar filhos (Féres-Carneiro; Magalhães, 2011). Ela se inicia tanto pelo desejo e pela decisão de constituir uma prole quanto pelo surgimento de uma gravidez inesperada, culminando na formação de uma relação triádica, em que o casal se transforma em família (Macarini et al., 2016).

Nesse percurso se torna necessária a diferenciação entre conjugalidade e parentalidade. O casamento, segundo Bueno (et al., 2012), marca a emergência de um novo núcleo familiar e de uma nova geração. A conjugalidade implica o entrelaçamento de duas subjetividades que buscam constituir uma identidade compartilhada, sustentada pelo ideal de continuidade geracional. Já a parentalidade corresponde ao desdobramento desse vínculo conjugal, ao assumir a função de transmissão psíquica, relacional e social às próximas gerações (Ziviani et al., 2012).

A partir de uma perspectiva sistêmica, autores como Bowen, Boszormenyi-Nagy, Whitaker e Ackerman (apud Andolfi, 2018) descrevem a família como um sistema emocional em que forças de coesão e de diferenciação operam simultaneamente. Nessa perspectiva, a parentalidade não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser analisada à luz das interações familiares e da história de cada indivíduo dentro de seu sistema familiar. Assim, o processo de individuação e diferenciação, segundo Bowen, é essencial para que cada membro do casal consiga estabelecer sua própria identidade, permitindo que a parentalidade se desenvolva sem a interferência excessiva de padrões emocionais herdados da família de origem (Andolfi, 2018).

Nesse contexto, o nascimento do primeiro filho representa uma transição significativa do subsistema conjugal para o subsistema parental (Minuchin, 1982). Essa mudança promove alterações nas rotinas, nas relações conjugais e na interação com a família ampliada. Durante esse período, cada membro do casal vivencia transformações individuais e participa da (re)construção e (re)negociação dos papéis parentais, equilibrando as responsabilidades de cuidado, a vida profissional e a atenção compartilhada entre o parceiro e o filho. Além disso, as experiências individuais de cada membro do casal, assim como os padrões e valores herdados

de suas famílias de origem, influenciam a vivência da gravidez, do parto e do cuidado com o bebê, moldando a forma como a parentalidade se estabelece no cotidiano familiar (Macarini et al., 2016).

Nesse contexto, Andolfi (2018) percebe que a reconstrução dos papéis parentais e conjugais envolve também a família extensa, que se torna fonte de apoio para reduzir o estresse e facilitar a transição para a parentalidade. As interações com parentes e amigos ajudam o casal a reorganizar-se diante das demandas do desenvolvimento infantil, tornando a parentalidade um processo relacional que abrange toda a rede familiar. Vicente (2004), destaca que essas interações implicam negociações de poder e competências, equilibrando tradições herdadas e novas práticas, em uma “nova dança e contradança” determinada pela geração atual.

3 MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. A revisão narrativa permite interpretar, analisar e discutir acerca de publicações de produções acadêmicas, artigos e livros sobre a temática abordada (Rother, 2007).

Para Souza et al. (2009), a pesquisa bibliográfica narrativa tem como objetivo a revisão da literatura existente, proporcionando um estudo mais abrangente e significativo sobre a temática. Essa metodologia contribui para a integração dos conhecimentos científicos disponíveis, permitindo ao pesquisador identificar lacunas e propor soluções baseadas em uma compreensão teórica consolidada.

Frainer (2020), discorre que a pesquisa bibliográfica narrativa se caracteriza como uma metodologia que busca a coleta e análise de conteúdos teóricos, sendo imprescindível para a fundamentação de estudos que envolvem fenômenos complexos. Esta abordagem permite ao pesquisador examinar criticamente os fenômenos investigados, oferecendo subsídios para uma compreensão mais ampla e detalhada das questões propostas.

Rother (2007), acrescenta que a pesquisa narrativa oferece uma perspectiva ampla e atualizada sobre o desenvolvimento de um tema específico, favorecendo a análise crítica e a interpretação pessoal do autor. A relevância dessa abordagem está na capacidade de analisar o estado da arte de um tema, permitindo uma discussão crítica que pode embasar intervenções no campo da Psicologia.

A pesquisa será fundamentada através do levantamento bibliográfico das seguintes bases de dados eletrônicas: SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Google Acadêmico. A escolha parte da acessibilidade usual e ampla variedade de materiais sobre o assunto. Ainda, serão considerados livros, artigos científicos, dissertações e teses que abordam a temática proposta, com ênfase na abordagem Sistêmica.

Os critérios de inclusão baseiam-se em materiais com relevância teórica que abarcam a temática Lealdades Familiares, Transmissão Geracional e Parentalidade, com fontes seguras e fundamentação na perspectiva Sistêmica, serão considerados autores clássicos e fundamentais para a compreensão teórica da pesquisa. Já os critérios de exclusão, são materiais que não abordam as temáticas de Lealdades Familiares, Transmissão Geracional e Parentalidade, textos sem embasamento e/ou incompletos de difícil acesso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A família constitui o primeiro contexto de desenvolvimento humano, no qual são construídos os sentimentos de pertencimento, identidade pessoal e fortalecimento de vínculos que sustentam as relações ao longo da vida. Nesse ambiente, começam também a se formar as lealdades familiares, entendidas como compromissos afetivos e éticos que atravessam gerações e orientam como cada membro se posiciona dentro do sistema familiar (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973). Assim, a parentalidade não se limita ao ato biológico de gerar um filho, mas emerge da constituição de uma nova família caracterizada pelas relações familiares construídas historicamente.

Cada adulto que assume o papel parental o faz a partir de uma “arquitetura temporal” composta por histórias individuais, experiências compartilhadas e pelos vínculos intergeracionais que integram sua família de origem. Como aponta Andolfi (2018), essa arquitetura se organiza em continuidade com um passado marcado por mitos, tradições e expectativas transmitidas entre gerações, que orientam o presente e projetam o futuro. A transmissão desses elementos pode ser adaptativa, quando oferece referências estáveis, valores que estruturam o cuidado e modelos relacionais que favorecem segurança e pertencimento. No entanto, também pode assumir um caráter disfuncional quando produz repetições rígidas, impede a revisão de padrões inadequados ou mantém o indivíduo preso a lealdades que limitam

sua autonomia emocional e a construção de uma parentalidade mais ajustada às demandas atuais.

Nesse sentido, a parentalidade não pode ser compreendida de forma isolada, pois sua constituição está intrinsecamente ligada ao contexto familiar no qual o indivíduo se desenvolveu, a história de cada um dentro do sistema de origem e as formas de interações familiares aprendidas ao longo das gerações. Assumir a constituição da figura parental, envolve revisitar, atualizar e, muitas vezes, ressignificar modelos internalizados na família de origem. Trata-se de um processo desafiador, pois exige negociar entre aquilo que se deseja manter como legado e aquilo que precisa ser transformado, implicando, por vezes, romper lealdades historicamente estabelecidas. Assim, o papel parental é desempenhado no presente, mas permanece ancorado em uma história que antecede o sujeito e continua a moldar suas escolhas na criação dos filhos.

Desse modo, compreender a parentalidade exige reconhecer que os vínculos com a família de origem continuam operando por meio de compromissos emocionais que tanto orientam quanto limitam as escolhas parentais. As lealdades familiares, nesse sentido, são centrais para a compreensão do que significa ocupar o lugar de pai ou mãe, pois, como aponta Gaulejac (2009), elas expressam o sentimento de pertencimento e continuidade entre gerações, manifestando-se de maneira explícita ou implícita. A repetição de comportamentos e modelos relacionais, mesmo quando inconsciente, traduz uma forma de fidelidade às gerações anteriores e evidencia o compromisso do indivíduo com sua história. Tal repetição vai além da simples imitação, trata-se de uma tentativa de manter a coesão e a coerência com o sistema de origem, que funciona como matriz identitária. Por isso, romper com determinados padrões pode gerar conflitos internos, uma vez que implica questionar vínculos que estruturam a noção de quem se é dentro da família.

8509

Embora promovam senso de pertencimento, essas lealdades podem dificultar o processo de diferenciação do sujeito. Para Bowen (1991), diferenciar-se significa manter pensamentos e sentimentos próprios mesmo sob intensa pressão emocional do grupo familiar, permitindo ao indivíduo posicionar-se de forma autônoma sem romper os vínculos afetivos. É o processo no qual o sujeito se permite ser diferente, é preciso autorizar-se internamente a criar novas formas de se relacionar e estabelecer limites familiares. Indivíduos com maior grau de diferenciação conseguem manifestar espontaneidade e organizar suas emoções de maneira mais autônoma. Entretanto, essa capacidade está condicionada à história de fusão ou separação emocional

observada em sua família de origem, evidenciando que os padrões herdados influenciam de forma significativa a construção da identidade e o exercício saudável dos papéis parentais (Penso, Costa & Ribeiro, 2008). Quando a fusão emocional predomina sobre a diferenciação, o sujeito tende a experienciar culpa, medo de rejeição e dificuldade em expressar-se livremente, resultando em maior resistência às mudanças e construção de uma parentalidade funcional.

Como consequência, casais com baixa diferenciação tendem a envolver os filhos em conflitos conjugais. O conceito de triângulo, de Kerr e Bowen (1988), traz o entendimento no qual a ansiedade existente em uma díade é deslocada para um terceiro membro, geralmente um filho, de modo a aliviar momentaneamente tensões, mas mantendo a circulação de conflitos no sistema. Essa dinâmica evidencia que os padrões relacionais repetidos têm a função de regular a ansiedade do sistema, influenciando diretamente a forma como os indivíduos se relacionam, assumem papéis parentais e reproduzem comportamentos herdados, mesmo quando buscam estabelecer diferenças em relação à sua família.

Complementando essa perspectiva, ainda que os indivíduos busquem diferir dos padrões observados em suas famílias de origem, essa transformação se mostra complexa, uma vez que os pais ou cuidadores funcionam como modelos primordiais de comportamento, cujos modos de atuação tendem a ser reproduzidos (Bueno et al., 2012). Como destaca Andolfi (2018), muitas dificuldades vivenciadas no âmbito conjugal, parental ou na própria vida pessoal podem ser compreendidas como tentativas de elaborar, corrigir ou neutralizar antigos paradigmas relacionais percebidos como desafiadores advindos da família de origem, inscritas entre a necessidade de pertencer ao sistema e o desejo de afirmar a própria identidade emocional.

Mesmo que a família contemporânea possa se organizar em diferentes formações e núcleos, a continuidade temporal que atravessa as gerações permanece como um elemento estruturante. A história familiar continua a exercer influência entre gerações, sustentada por "tramas invisíveis", como apontam Boszormenyi-Nagy e Spark (1973), que reforçam o sentimento de pertencimento de cada geração dentro de um tempo compartilhado. Embora cada pessoa seja autora de sua própria trajetória, ela também desempenha um papel dentro de um "roteiro familiar", no qual já nasce inserida em expectativas e funções que, muitas vezes de forma inconsciente, a levam a seguir normas, valores e comportamentos transmitidos ao longo das gerações (Andolfi, 2018). Esse roteiro, influencia decisões cotidianas sobre a criação dos filhos, como a forma de estabelecer limites, regular disciplina, manejar conflitos, distribuir funções parentais e até definir prioridades na rotina familiar.

Nesse sentido, a transmissão intergeracional, conforme destaca Bacal (2013), constitui o alicerce da continuidade familiar e desempenha papel essencial na formação da identidade parental. Mesmo em relações conjugais consideradas saudáveis, é possível identificar tentativas de repetição de modelos parentais, evidenciando que os padrões transmitidos pelas gerações anteriores seguem atuando na forma como o casal estrutura sua vida familiar (Costa & Katz, 1992). O equilíbrio na dinâmica do novo casal depende, entretanto, do grau de diferenciação emocional alcançado por cada parceiro em relação à família de origem e também da capacidade de constituírem uma identidade conjugal própria. Esse processo envolve integrar a história individual de cada um, reconhecer afinidades e diferenças culturais e, sobretudo, compreender os reais motivos que sustentam a união.

Desse modo, a parentalidade se constrói em diálogo ou em conflito com as memórias, experiências e vínculos internalizados ao longo das gerações, que funcionam como matrizes orientadoras das práticas atuais. Expressões como “foi assim que meus pais me criaram” ou “na minha família sempre se fez dessa forma” revelam como esses padrões herdados operam como bússolas morais, ativadas muitas vezes de forma automática. Contudo, quando os modelos parentais internalizados por cada parceiro divergem, emergem tensões que evidenciam o peso dessas lealdades: concepções sobre obediência, diálogo, punição, afeto e autonomia estão profundamente enraizadas nas experiências com as famílias de origem. Assim, as decisões acerca da criação dos filhos passam a resultar de negociações entre heranças distintas, negociações que não apenas orientam as práticas cotidianas, mas também configuram o clima emocional no qual os filhos se desenvolvem.

8511

Assim, a família, enquanto sistema relacional, oferece as principais referências para a construção da identidade individual e coletiva, ao mesmo tempo em que convoca cada membro a negociar a tensão entre diferenciação e pertencimento, condição central para o estabelecimento de vínculos parentais saudáveis e equilibrados. A constituição de uma nova família, portanto, não ocorre em um vazio relacional, mas emerge como continuidade de histórias preexistentes, nas quais se entrelaçam valores, expectativas e lealdades herdadas.

A intervenção sistêmica, por sua vez, ao evidenciar essas tramas invisíveis, favorece que o casal reconheça padrões transmitidos, redefina limites e construa práticas parentais de modo mais coerente e intencional. Dessa perspectiva, compreender de que modo as lealdades familiares e os processos de transmissão geracional estruturam a parentalidade constitui um

passo essencial para sustentar decisões parentais mais equilibradas e ajustadas às necessidades das novas gerações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo dispôs como finalidade, a revisão literária acerca da formação dos sistemas familiares, relações parentais e padrões de comportamentos, visando compreender como as lealdades familiares influenciam na construção da parentalidade e decisões acerca da criação dos filhos.

Em consonância à hipótese inicial desta pesquisa, os materiais analisados demonstraram que a constituição de uma nova família é acompanhada dos aprendizados herdados nos sistemas familiares de origem, e este, exerce papel central na construção da parentalidade. Os textos apontam que as relações vividas na infância são internalizadas, os pais são modelos primordiais de comportamentos, e tendem a influenciar de forma consciente ou inconsciente o exercício da parentalidade. No entanto, a capacidade de se diferenciar de forma emocional da família de origem, mostra-se essencial para a construção de vínculos afetivos e qualidade das relações, contribuindo significativamente para a adequada transmissão de valores às novas gerações.

Ao analisar diferentes perspectivas teóricas, este trabalho contribui para uma compreensão mais ampla da parentalidade, reforçando a importância de considerar o sistema familiar como um todo. A abordagem sistêmica permite visualizar as formas pelas quais os padrões familiares são mantidos e possibilita a ressignificação das experiências vividas, é possível pertencer ao ciclo familiar sem que haja a repetição dos mesmos modos de funcionamento. 8512

Em relação a metodologia adotada, considera-se que por se tratar de uma pesquisa de natureza narrativa, a interpretação dos textos não permite generalizações, visto a seleção dos estudos analisados estar vinculado às escolhas e compreensões das pesquisadoras. Portanto, sugere-se que para futuras pesquisas, seja realizada investigações empíricas com casais de diferentes sistemas familiares, buscando compreender como as famílias de origem influenciam a construção da parentalidade.

Essa pesquisa tem a possibilidade de demonstrar como os padrões relacionais herdados se apresentam e são ressignificados na dinâmica familiar. Desta forma, compreender os sistemas familiares e os padrões herdados que permeiam a parentalidade, é essencial para promover relações mais saudáveis e conscientes na formação de novas gerações.

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, Maurizio. A terapia familiar multigeracional: instrumentos e recursos do terapeuta. Belo Horizonte: Artesã, 2018.

BACAL, Marília Etienne Arantes. Lealdades visíveis e invisíveis: um estudo sobre a transmissão geracional da profissão na família. 2013. 200 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013.

BARTHES, Roland. Mitologias. 2. ed. Lisboa: Bertrand, 1993.

BATESON, Gregory. Steps to an ecology of mind. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. Lealtades invisibles: reciprocidad en terapia familiar intergeneracional. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. Invisible loyalties. Levittown: Brunner/Mazel, 1984.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. Lealtades invisibles. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

BOWEN, Murray. Terapia familiar na prática clínica. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1989.

BOWEN, Murray. De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar. Buenos Aires: Paidós, 1991.

8513

BUENO, Rovana Kinas; DE SOUZA, Sabrina Alves; MONTEIRO, Mariliane Adriana; TEIXEIRA, Rosane Harb Müller. Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. Psico, Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/9420>.

CERVENY, Cleusa Maria O. A família como modelo. São Paulo: Livro Pleno, 2001.

COSTA, Paulo G.; KATZ, Gerson. Dinâmica das relações conjugais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DUCOMMEN-NAGY, Catherine. Ces loyautés qui nous libèrent. Paris: JC Lattès, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). Família e casal: filiação, intergeracionalidade e violência. Rio de Janeiro: Prospectiva/EDPUC-Rio, 2019.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andréa Seixas. A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In: MOREIRA, Lúcia Vaz; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Org.). Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História. Curitiba: Juruá, 2011.

FILOMENO, Kelly et al. Mitos familiares e escolha profissional: uma proposta de intervenção focada na escolha profissional à luz de conceitos da teoria sistêmica. 2003.

FRAINER, João. Metodologia científica. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2020.

GAULEJAC, Vincent de. L'histoire en héritage: roman familial et trajectoire sociale. Paris: Desclée de Brouwer, 2009.

GOMES, Lisandra de Barros; BOLZE, Simone da Costa Argimon; BUENO, Rovana Kinas; CREPALDI, Maria Aparecida. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2014.

GROISMAN, Miriam; LOBO, Maria Vitoria; CAVOUR, Raquel M. Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

KERR, Michael E.; BOWEN, Murray. Family evaluation. New York: W. W. Norton & Company, 1988.

KROM, Maria. Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.

MACARINI, Sílvia Mara; CREPALDI, Maria Aparecida; VIEIRA, Lígia Maria. A questão da parentalidade: contribuições para o trabalho do psicólogo na terapia de famílias com filhos pequenos. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 173-188, 2016.

MCGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy; PETRY, Sylvia. Genogramas: avaliação e intervenção familiar. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MELO, Valéria A. A.; RIBEIRO, Maria Aparecida. Epistemologias sistêmicas e suas repercussões para a clínica da terapia familiar. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 149-161, 2016. 8514

MICHAELIS. Dicionário Michaelis da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

MINUCHIN, Salvador; LEE, Wai-Yung; SIMON, George M. Dominando a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINUCHIN, Salvador; LEE, Wai-Yung; SIMON, George M. Família e casais: do sintoma ao sistema. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MINUCHIN, Salvador. Famílias: funcionamento & tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. (Original publicado em 1974).

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. Terapia familiar: conceitos e métodos. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OTTO, Ana Flávia N.; RIBEIRO, Maria Aparecida. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. Pensando Famílias, Porto Alegre, 2020.

PENSO, Maria Auxiliadora; COSTA, Lilia F.; RIBEIRO, Maria Aparecida. A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008. p. 9-23.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, 2007.

SOUZA, Marcela Tavares; SILVA, Marise Dutra; CARVALHO, Regina. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein, São Paulo, 2009.

TEODORO, Maria Lúcia M.; BAPTISTA, Makilim Nunes. Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

VASCONCELOS, Ana Carolina J.; NAVARRO, Paula M.; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A parentalidade nas configurações familiares contemporâneas. Relatório de Pesquisa (PIBIC/CNPq) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VICENTE, Rosa Maria Pereira da Silva. Família e mudança. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org.). Família e... comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

ZIVIANI, Camila; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Pai e mãe na conjugalidade: aspectos conceituais e validação de construto. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 22, p. 165-176, 2012.